



**13TH WOMEN'S WORLDS
& FAZENDO GÊNERO 11**
TRANSFORMATIONS, CONNECTIONS, DISPLACEMENTS

FLORIANÓPOLIS,
BRASIL



**13º MUNDOS DE MULHERES
& FAZENDO GÊNERO 11**
TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES, DESLOCAMENTOS

**30/07 A 04/08
2017**

Você está em: [Página inicial](#) » [Notícias](#) » Manifesto Mundos de Mulheres por Direitos

Notícias

Manifesto Mundos de Mulheres por Direitos

01/08/2017

Nós, sujeitas marginalizadas ao longo da história, de todos os continentes, reunidas no 13º Congresso Mundos de Mulheres e Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, estamos nas ruas de Florianópolis, neste 2 de agosto de 2017, para chamarmos a atenção do mundo para a luta cotidiana dos movimentos de mulheres, LGTTTQI, com deficiência, gordas, negros, indígena e feministas. Lutamos contra este sistema patriarcal, racista, capitalista, ultra liberal, fundamentalista religioso, que nos subjuga, oprime, violenta e mata. Nossa luta é PELA VIDA de TODAS AS PESSOAS oprimidas em todas as partes do mundo!

Nós, dos movimentos de mulheres, LGTTTQI, com deficiência, negros, indígena, feministas e antipatriarcais, estamos unidas, seja nos territórios quilombolas, indígenas, seja no campo ou na cidade, nas águas e nas florestas, nas escolas e nas universidades. Estamos juntas! Seguimos marchando e construindo uma sociedade justa, com igualdade e equidade de direitos para todas/es/os.

[#NósMarchamos](#)

Para denunciar:

As múltiplas violências, opressões e assédios, físicos e psicológicos, que sofremos diariamente nas ruas, nos ônibus, nas escolas, nos espaços de lazer, na mídia e dentro de nossas casas, no campo e na cidade.

O feminicídio, realidade em um mundo que naturaliza e banaliza o ódio e o assassinato de mulheres pelo fato de serem mulheres. Esse crime faz do Brasil o 5º país que mais mata mulheres no mundo.

As violações das nossas vidas provocadas por um modelo de Estado patriarcal e capitalista presente em todos os continentes, que se fundamenta na conformação dos nossos corpos em objetos e mercadorias.

A omissão dos governos, a inexistência de políticas públicas e de estrutura para o enfrentamento efetivo das violências contra as mulheres em diferentes partes do mundo.

A ausência de mulheres em espaços importantes de poder e decisão como reflexo do modelo de política e representação patriarcal vigente no mundo, composto por homens brancos, cis, heterossexuais, de classes média e alta e sem deficiências. As mulheres ainda são discriminadas e boicotadas.

A cultura do estupro, que culpabiliza as vítimas, mantém os estupradores impunes e naturaliza a violência sexual, a exemplo dos estupros contra as mulheres, além daqueles chamados "corretivos" contra lésbicas, pessoas trans e não-homens cis.

O racismo que estrutura a sociedade, produz e reforça as desigualdades sociais. A discriminação racial que violenta e mata principalmente as pessoas negras e indígenas com as armas do Estado e do capital.

A expropriação violenta de terras, sementes e recursos ambientais das mulheres do campo e das florestas pelo agronegócio. A expropriação dos filhos de mulheres quilombolas, indígenas e de camadas populares como recurso para atingir e fragilizar essas comunidades.

A exploração de nossas economias informais e de nossos corpos pelo capital e pelo mercado, e a criminalização de nossas migrações em busca de melhores condições de vida pelas organizações internacionais e pelos Estados nacionais.

As guerras, desastres e crimes ambientais que nos obrigam a abandonar nossas casas sem qualquer perspectiva de vida digna para nossas famílias em outros lugares.

A desigualdade salarial que faz com que as mulheres sejam remuneradas com até 45% de diferença em relação aos homens no mundo, sendo a diferença de 26% na América Latina e 32% no Brasil, dependendo do

setor se trabalho. (Fontes: CEPAL; Relatório Global OIT - 2016/2017). Além das dificuldades encontradas pelas pessoas pretas e trans que não respondem ao padrão de "boa aparência" e, embora capacitadas, não conseguem boas vagas de emprego.

As violências econômicas, que aumentam nossa dependência financeira e, conseqüentemente, nossa vulnerabilidade diante da opressão. O extremo mais brutal dessas violências são os assassinatos, particularmente de pessoas negras, e o feminicídio - que contempla mulheres cis, trans e homens trans.

A invisibilização e a não remuneração das tarefas domésticas e de cuidados, e o não reconhecimento da função social das mães. A naturalização dessas responsabilidades como exclusivas das mulheres nos obriga a reproduzir a exploração classista e colonial entre nós. Para ir ao trabalho, dependemos de outras mulheres. Para migrar, dependemos de outras mulheres.

O fundamentalismo religioso, presente nos Estados, na política e nas escolas, desrespeitando as diferentes culturas, formas de viver e restringindo as liberdades individuais e coletivas. E por isso, também repudiamos a criminalização da discussão de gênero no Brasil e em diversos países do mundo.

A criminalização do nosso direito ao corpo e ao aborto irrestrito e seguro. Lutamos pelo direito à interrupção da gravidez e pelo acesso ao serviço de saúde gratuito, para que nenhuma pessoa que engravida, sejam meninas, mulheres ou homens trans, sejam obrigadas a assumir uma maternidade indesejada ou fruto de um estupro.

[#NãoEstamosTodas](#)

Estão ausentes as vítimas de feminicídio, mulheres assassinadas violentamente ao ritmo assustador de 13 (treze) por dia no Brasil.

Estão ausentes as mulheres mortas pelo racismo e as vítimas da intolerância religiosa.

Estão ausentes pessoas trans, travestis, lésbicas e bissexuais assassinadas por crimes de ódio, sendo o Brasil o país que mais mata transgêneros no mundo.

Estão ausentes as presas políticas, as militantes e ativistas vítimas da criminalização dos movimentos sociais e sindicais.

Estão ausentes as perseguidas e as assassinadas em nosso território por defender a terra e seus recursos; as mulheres presas por delitos menores, criminalizando as formas de sobrevivência, enquanto crimes corporativos e o tráfico de drogas permanecem impunes e debatidos superficialmente porque beneficiam o capital.

Estão ausentes as trabalhadoras do sexo, as refugiadas, as pescadoras, ribeirinhas e quilombolas, cuja existência e resistência é invisibilizada.

Estão ausentes as mortas e as presas por realizar abortos inseguros.

[#InternacionalFeminista](#)

Nós tecemos um novo internacionalismo. A partir das situações concretas em que vivemos, interpretamos a conjuntura e vemos que, diante do avanço neoconservador e fascista na região e no mundo, o movimento que agrega as mulheres cis, hétero, lésbicas, prostitutas, bissexuais, trans, homens trans, bixas, pessoas trans não binárias e toda população LGBTTTQI, pessoas pretas, pessoas com deficiência, prostitutas, gordas e do campo, emerge como potência de alternativa.

Há séculos as mulheres do mundo marcham e a cada ano sentimos mais forte a necessidade de estarmos articuladas nos cinco continentes. A partir desse movimento, outros movimentos sociais emergiram, como os movimentos LGBTTTQI, das pessoas com deficiência, das pessoas gordas, das profissionais do sexo etc.

Diante das múltiplas desapropriações, das expropriações e das guerras contemporâneas que têm a terra e os corpos das mulheres e outros corpos marginais como territórios favoritos de conquistas, nós nos solidarizamos e nos incorporamos política e espiritualmente às lutas em todo o mundo.

Defendemos um mundo onde as escolas sejam inclusivas e livres para a socialização e produção de conhecimentos múltiplos, onde não se naturalize e reproduza desigualdades, discriminações de quaisquer tipos e onde nossas crianças e jovens não sejam formatadas em mão-de-obra barata.

Lutamos para que todas as pessoas tenham seus direitos garantidos e não retrocedidos e subjugados por políticas que defendem os interesses das classes privilegiadas.

Queremos um mundo em que todas as pessoas e seres sejam respeitados como entidades plenas de sentido e cooperação mútua, e não tratadas como recursos de exploração.

Nós, mulheres cis, hétero, lésbicas, bissexuais, trans, homens trans, bixas, pessoas trans não binárias e toda população LGBTTTQI, pessoas pretas, pessoas com deficiência, prostitutas, gordas, quilombolas, indígenas, seja no campo ou na cidade, nas águas e nas florestas, nas escolas e nas universidades, MARCHAMOS

JUNTAS por nenhuma a menos e até que todas/es/os sejamos livres!

Texto construído pela Comissão Organizadora da Marcha Internacional do 13º Mundo de Mulheres/ Fazendo Gênero 11 a partir do manifesto do 8M de Santa Catarina 2017, Brasil.

Desenvolvido por [Dype Soluções](#)